

O processamento da informação no Rorschach de crianças portuguesas

Daniilo Rodrigues Silva¹

Resumo

Este estudo insere-se no mais vasto dos dados normativos do Rorschach de 376 crianças portuguesas, de ambos os sexos, dos 6 aos 10 anos. Debruça-se apenas na análise dos resultados das variáveis que constituem a classe do processamento da informação: *W*, *D*, *Dd*, *S*, *DQ+*, *DQo*, *DQv*, *DQv/+*, *Zf*, *Zd*. Constitui uma primeira formulação do problema a partir dos dados do Rorschach que pareceu proporcionar um modo interessante e promissor de análise e estudo e que terá, naturalmente, continuidade. Os dados que permitem caracterizar, de forma geral, o processamento da informação das crianças portuguesas, tal como se traduz no Rorschach, permitem formular uma relação hipotética entre eles e as frequentes dificuldades e o elevado insucesso escolar que se verifica nas crianças portuguesas. À volta deste aspecto tecem-se alguns comentários.

Palavras-chave: Criança; Rorschach; Processamento da Informação; Cognição; Percepção; Desenvolvimento.

Information processing in the Rorschach of portuguese children

Abstract

This study is included in another larger one on Rorschach normative data with 376 Portuguese children, of both sex, aged 6 to 10 years old. It focuses on the analysis of results of variables forming the cluster of Information Processing as follows: *W*, *D*, *Dd*, *S*, *DQ+*, *DQo*, *DQv*, *DQv/+*, *Zf*, *Zd*. This is a first formulation of the problem using Rorschach data, which will presumably provide an interesting and promising way of analysis and study, and that can have some continuity in the near future. The data that allow the characterization of Portuguese children's information processing, as it is translated by the Rorschach, makes it possible to formulate a hypothetical relation between those data and the frequent learning difficulties and school failure among children. Some comments are done on this issue.

Keywords: Child; Rorschach; Information Processing; Cognition; Perception; Development.

Introdução

Na aplicação do Rorschach, o examinador, ao entregar o cartão ao indivíduo, diz: *O que poderia ser isto?* A resposta a esta pergunta parece implicar alguns componentes perceptivos, dado que o estímulo apresentado é de natureza visual e este mesmo estímulo deverá ser considerado no processo de resposta. Como

método de avaliação da personalidade, o objeto de estudo tem-se centrado fundamentalmente na resposta, a resposta verbal, sobretudo nas suas dimensões associativa e simbólica. Isto determinou que o estímulo caísse no esquecimento. O estímulo, porém, está sempre presente na base de toda a resposta, mesmo quando aparentemente ignorado pelo sujeito.

Alguns indicadores da influência do estímulo

¹ Endereço para correspondência:

Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação
Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1649-013 – Lisboa – Portugal
daniilo@fpce.ul.pt

nas respostas são o fato de que alguns cartões fechados como o I, IV e V, suscitam mais freqüentemente respostas globais, *W*, ao passo que os cartões abertos como os III, IX e X suscitam respostas de detalhe, *D*. Outro indicador são as listas de detalhes comuns, *D*, que não apenas permitem mapear as áreas dos estímulos mais freqüentemente escolhidas para localizar as respostas, mas também nos informam amplamente acerca da estrutura dos estímulos a partir de fora, isto é, segundo a freqüência daquelas respostas. Outras características dos estímulos que intervêm implícita ou explicitamente nas respostas são as propriedades cromáticas, acromáticas e de sombreado. Originadas nestas ou outras propriedades ou em relações entre elas, podem referir-se ainda o movimento, a perspectiva e a dimensionalidade.

Embora se tenha, presentemente, algum conhecimento dos estímulos do Rorschach, parece que não se dispõe do que é necessário. Por outro lado, ignora-se bastante acerca de como atua o estímulo, em toda a complexidade dos seus componentes, no indivíduo que o codifica. Nem tão pouco conhecemos que operações intervêm no ato cognitivo-afetivo que possibilita a resposta. O processo de resposta foi objeto de alguma investigação e diversas propostas de descrição e caracterização acham-se atualmente disponíveis (Exner, Armbruster & Mittman, 1978; Exner, 1986; Acklin, 1994; Sanglade, 1995), cada uma apresentando perspectivas que permitem uma aproximação mais compreensível e compatível com os avanços mais recentes da ciência psicológica.

O Método dos Borrões de Tinta de Rorschach constitui, desde há dezenas de anos, um dos instrumentos mais usados de diagnóstico e avaliação da personalidade. Na sua base, Rorschach colocou a percepção, como meio de acesso ao estudo da personalidade individual e das diferenças interindividuais. A resposta, por sua vez, é classificada como dotada de boa ou má forma, aspecto este que traduz a adequação ou inadequação da linha de contorno da área escolhida à do objeto referido. O nível de adequação formal, revelado na generalidade das respostas do protocolo final, traduz o nível equivalente com que o indivíduo responde, diante de situações pouco estruturadas com que se confronta no seu dia-a-dia.

Este aspecto foi, ao longo dos anos, objeto de estudo e de controvérsia e, dada a natureza das instruções de aplicação, inicialmente indicadas, bem como da resposta recolhida, as coisas são efetivamente mais complexas do que o proposto no *Psicodiagnóstico* de Rorschach. Dado que, neste estudo, se pretende focar particularmente a dimensão perceptivo-cognitiva da resposta, é este aspecto que se irá destacar com alguma

brevidade.

Será a resposta ao Rorschach um ato eminentemente perceptivo? Quando, diante do primeiro cartão, o indivíduo é convidado a dizer *o que poderia ser*, está implícito que a resposta “Um borrão de tinta” não deverá ser dada. Se tal acontecer, o examinador concordará, mas procurará obter uma outra resposta, pois a pergunta não foi feita em termos de identificação do estímulo, mas da sua possibilidade. Tudo se passa como se houvesse um acordo prévio entre o examinador e o examinando, em que ambos reconhecem que estão diante de borrões de tinta e que se trata de olhar para eles e descobrir o que poderiam ser, o que parecem ser tais borrões. A resposta não constitui, pois, uma percepção nem tão pouco uma *falsa identificação* do estímulo, como pretende Exner (1986, 29), mas uma *identificação possível* do estímulo, assente nas características deste. Uma tal identificação, porém, porque tem necessariamente em conta o estímulo e suas características, implica claramente mecanismos perceptivos. Leichtman, num importante livro publicado em 1996, aborda longamente esta questão da natureza da resposta ao Rorschach, considerando que a resposta constitui fundamentalmente uma representação. Sem querer examinar aqui esta proposta, o que Weiner faz de maneira breve e incisiva no seu *Principles of Rorschach Interpretation* (1998, p. 15-16), não restam dúvidas quanto à presença de aspectos perceptivos na construção da resposta o que, de resto, aquele mesmo autor reconhece. Um outro aspecto que importa salientar é o de que, nestes termos, dar uma resposta ao Rorschach, isto é, dizer o que o borrão poderia ser e não o que é, constitui uma tarefa com as características das de solução de problemas, pois o sujeito tem de conferir significado a algo que, por convenção, não significa nem pretende significar nada.

São estes aspectos que fundam a possibilidade de dotar o Método de Rorschach das características requeridas aos instrumentos de avaliação psicológica, garantia ou fidelidade e validade, e que norteou toda a ingente tarefa de Exner e colaboradores naquele sentido. Na perspectiva estrutural de interpretação do Rorschach, proposta por Exner, encontra-se, na seqüência de análise das variáveis, o que é designado por tríade cognitiva, que consiste no conjunto de três classes (*clusters*) de variáveis, correspondentes respectivamente ao processamento da informação, à mediação e à ideação. São agrupamentos relativamente independentes de variáveis, mas costumam ser analisados em seqüência, já que o que se passe em um deles poderá afetar os outros nas suas operações. O processamento da informação diz respeito aos “procedimentos de admissão ou entrada da

informação”; a mediação refere-se aos “procedimentos de tradução ou identificação da informação que foi admitida”; a ideação relaciona-se com “os procedimentos de conceitualização da informação que foi traduzida” E precisa Exner esquematizando o processo:

O conjunto dos três representa um processo contínuo que constitui a base de praticamente todos os comportamentos deliberados ou com significado para o sujeito. A relação que estabelecem pode ilustrar-se desta maneira simples:

ADMISSÃO—TRADUÇÃO
CONCEPTUALIZAÇÃO
(PROCESSAMENTO) (MEDIACÃO) (IDEACÃO)

Em termos reais, todavia, as relações entre eles podem ser muito mais complexas. Por exemplo, a conceitualização da tradução de uma admissão de dados pode criar um precedente que posteriormente afete o modo como seja traduzida uma admissão ou até o modo como se efetue essa mesma admissão. Igualmente, a tradução defeituosa ou parcial de uma admissão de dados pode originar uma conceitualização defeituosa ou modificar os procedimentos a seguir nas admissões posteriores. (Exner, 1986, 393)

Como se pode facilmente reconhecer, ao responder ao Rorschach, o indivíduo atua como sempre que tem de resolver um problema: estrutura cognitivamente o campo recorrendo à atenção, à percepção, à memória, à tomada de decisão e à análise lógica, por um lado, e à formação de imagens, por outro, mediante processos de associação, atribuição e simbolização (Weiner, 1998, p.22).

A consideração do nível e funcionamento intelectual constituiu, desde sempre, um aspecto importante do processo de análise e interpretação do Rorschach. Vemo-lo no *Psicodiagnóstico* de Rorschach (1921/1967), em Beck (1961/1967) em Klopfer (1954/1962) em Rausch de Traubenberg (1970/1998). A investigação desenvolvida neste sector conduziu, geralmente, a achados contraditórios (Exner, 1994, p. 404). No Sistema Integrativo do Rorschach-SIR de Exner, fala-se pouco de inteligência e mais de qualidade e eficácia do processamento cognitivo. Neste campo, deu-se atenção ao fato sobejamente reconhecido de que as respostas revelam níveis diferentes de complexidade e de organização do estímulo. Reconheceu-se também que, com a idade, tais níveis se enriquecem e afirmam, como o refere Exner invocando o trabalho pioneiro de

Meil-Dvoretzki:

Esta autora estudou os níveis de complexidade na escolha das localizações que as crianças de várias idades apresentavam (...) Observou um enriquecimento geral das escolhas de localizações e do grau de integração, com o aumento da idade, e sugeriu a possibilidade de estudar o desenvolvimento cognitivo por meio da diferenciação de vários tipos de localizações. (Exner, 1994, p. 98)

Foi a partir do estudo de Friedman (1953), criador de um método seguro de diferenciação das localizações quanto ao seu nível de organização e complexidade, que Exner, após novas investigações, veio a introduzir a modalidade de diferenciação que se refere abaixo. Se, até então, as investigações que se preocupavam com a qualificação do funcionamento intelectual no Rorschach e sua correlação com o QI proporcionaram, como se disse, resultados inconsistentes, a adoção da qualificação e cotação das respostas de acordo com o nível de organização e complexidade implicado permitiu, em novos estudos, alcançar o grau de consistência desejado.

Tanto quanto se conhece, são raros os trabalhos com o Rorschach, neste âmbito, e foi o ter-se considerado a sua pertinência que determinou a elaboração e apresentação deste. Os trabalhos relacionados com esta perspectiva de consideração da dimensão cognitiva do SIR, como meio de analisar o funcionamento e desempenho de crianças, são escassos e, em meu conhecimento, resumem-se aos dois seguintes títulos: um estudo de Acklin, de 1990, intitulado *Personality Dimensions in Two Types of Learning-Disabled Children: a Rorschach Study* (Acklin, 1990) e o Capítulo 9, *School Learning Problems*, do livro de Exner e Weiner *The Rorschach: A Comprehensive System Volume 3 Assessment of Children and Adolescents* (Exner, Weiner, 1995).

Segundo o SIR, o Processamento da Informação, relativo às operações que assistem à entrada ou admissão da informação, caracteriza-se mediante uma classe de variáveis correspondentes à Localização (*W*, *D*, *Dd* e *S*), à Qualidade do Desenvolvimento (*DQ+*, *DQ0*, *DQv* e *DQv/+*) e à Atividade Organizativa (*Zf* e *Zd*).

As variáveis de Localização informam sobre as áreas escolhidas para localizar as respostas. As respostas *W* são aquelas cujos objetos abrangem toda a mancha; as respostas *D* dizem respeito a áreas que, segundo o critério estabelecido no SIR, são escolhidas por pelo menos 5% da amostra; as respostas *Dd*, as menos freqüentes, correspondem a áreas escolhidas

para resposta por menos de 5% da amostra; as respostas *S* localizam-se ou integram espaços brancos intermaculares. As respostas *W* ou globais, que referem objetos com exigência de forma específica, e as respostas *J*, que integram espaços brancos, são mais complexas e requerem maior investimento mental. Por essa razão são sempre cotadas com uma nota *Z*, segundo o respectivo nível de organização.

As variáveis de Qualidade de Desenvolvimento informam sobre o nível de desenvolvimento cognitivo presente nas respostas. Há respostas que revelam uma apreensão atenta e cuidadosa do estímulo, onde se pode surpreender um processo de análise e de síntese, que resulta designadamente na identificação de mais do que um objeto visto como relacionado. Estas respostas correspondem aos níveis codificados *DQ+* e *DQ_v/+*. Por sua vez, há respostas que referem apenas um ou mais objetos que são identificados tão só com base no contorno da área interpretada. É geralmente o caso das respostas codificadas *DQ_o*. As respostas *DQ_v* são as desprovidas de qualquer articulação do campo-estímulo de maneira que os objetos referidos não têm qualquer exigência de forma específica, têm uma forma *vaga*, são respostas desorganizadas.

A Atividade Organizativa informa sobre a frequência de respostas que implicam a iniciativa de esforço mental na apreensão por assim dizer complexificada do campo-estímulo (*Z_f*) e sobre a medida em que tal esforço resultou eficaz (*Z_d*).

O objetivo deste estudo é indicar as principais características do processamento da informação de crianças portuguesas, ao responder ao Rorschach, e formular algumas breves considerações relacionadas com o insucesso escolar e as dificuldades de aprendizagem.

Amostra

A amostra é constituída por 376 crianças de ambos os gêneros, com idades entre os 6 e os 10 anos, a frequentar escolas públicas, na sua maior parte. A Tabela 1 indica o número de crianças por grupo etário, assim diferenciadas quanto ao gênero: 42 meninos e 47 meninas no grupo dos 6 anos; 39 meninos e 36 meninas no grupo dos 7 anos; 38 meninos e 39 meninas no grupo dos 8 anos; 36 meninos e 38 meninas no grupo dos 9 anos; 30 meninos e 30 meninas no grupo dos 10 anos. Os protocolos do Rorschach foram obtidos por diversos examinadores, devidamente treinados, a maior parte deles ao longo dos anos 90. O fato de não se apresentarem em separado dados para os dois gêneros deve-se a que não se encontraram diferenças significativas entre eles. A codificação foi igualmente tarefa de 5 especialistas, tendo-se encontrado em dois estudos de garantia intercotadores resultados satisfatórios.

Resultados

A Tabela 1 apresenta, para os cinco grupos, a média (*M*), a mediana (*Md*) e a frequência de crianças (*Freq*) em cada uma das 10 variáveis consideradas. Começando com as variáveis de localização, pode ver-se que os valores médios de *W* pouco variam de um grupo para outro, mas é maior no grupo dos 7 anos. Têm também a particularidade de serem claramente inferiores aos valores médios de *D*, de novo com a exceção do grupo antes mencionado. Se considerarem os valores medianos, a diferença entre as localizações em *W* e *D* é mais nítida, embora seja menor nos 7 e 8 anos. A importância deste pormenor reside no fato de que, nas normas equivalentes de crianças norte-americanas, os valores médios de *W* são sempre mais elevados do que os valores de *D* e, apenas nos grupos dos 9 e 10 anos, *D* se aproxima de *W*. Este pormenor parece ter alguma importância e o seu significado encontrará uma justificação possível mais adiante.

Tabela 1 - Média, Mediana e Freqüência das variáveis do Rorschach que constituem a classe de Processamento da Informação em cinco grupos etários de crianças portuguesas

Variáveis	6 anos (n=89)			7 anos (n=75)			8 anos (n=78)			9 anos (n=74)			10 anos (n=60)		
	M	Md	Freq.	M	Md	Freq.	M	Md	Freq.	M	Md	Freq.	M	Md	Freq.
W	7,84	6,00	89	10,71	9,00	75	8,58	8,00	75	7,80	7,00	74	8,07	5,02	58
D	11,15	10,00	89	10,84	10,00	75	11,01	9,00	75	12,84	12,00	73	12,62	12,00	60
Dd	3,91	3,00	80	3,88	3,00	69	4,82	4,00	70	4,66	3,00	65	3,37	2,00	55
S	2,00	2,00	67	2,69	2,00	62	2,65	2,00	69	2,66	2,00	59	2,40	2,00	50
DQ+	3,38	3,00	79	4,69	3,00	69	4,56	4,00	72	4,19	3,00	68	5,22	4,00	53
DQo	16,28	15,00	89	17,99	17,00	75	17,23	16,50	58	18,54	16,00	74	18,20	18,00	60
DQv	2,98	2,00	70	2,33	1,00	53	2,14	1,00	54	2,08	1,00	50	0,53	0,00	23
DQv/+	0,26	0,00	17	0,41	0,00	21	0,47	0,00	21	0,49	0,00	23	0,22	0,00	5
Zf	9,51	9,00	89	13,27	12,00	75	11,29	11,00	77	10,51	10,00	74	11,33	11,00	60
Zd	-0,75	-0,50	85	-3,11	-2,50	73	-2,06	-2,25	50	-1,69	-1,00	65	-2,11	-1,25	57
R	22,90	20,00	89	25,43	22,00	75	24,41	22,00	78	25,30	22,00	74	24,05	22,50	60

Como se pode ver, *D* é a localização mais freqüente em todos os grupos, especialmente nos das crianças de 9 e 10 anos. Estes últimos prenunciam os dados que se encontrarão nos adolescentes e adultos. São, em grande medida, respostas de objetos simples, com determinante formal, por outras palavras, correspondem ao tipo de respostas que não requerem qualquer grau especial de organização, para além do reconhecimento da linha de contorno do objeto designado.

As respostas *Dd* correspondem a áreas que são raramente escolhidas para a localização, razão por que o seu significado está geralmente mais ligado a traços pessoais, indicando alguma iniciativa cognitiva. Nesta medida, deverá pensar-se que a resposta *Dd* pressupõe uma implicação pessoal mais complexa do que a resposta *D*.

As respostas *S*, respeitantes às localizações em espaços brancos, comuns ou não-comuns, indicam freqüentemente a expressão de oposição e também de asserção. Implicam, muitas vezes, também, atividade organizativa pela integração do espaço branco e da mancha. Deve dizer-se que os valores indicados na Tabela 1 são relativamente elevados, em comparação com valores semelhantes das amostras norte-americanas, cujas médias são mais baixas e apenas três dos valores medianos são de 2,00. Este fato, contudo, é sem conseqüência no que respeita à eficácia, como se verá depois.

Em si mesmos, os dados até aqui analisados não suscitam comentários especiais, para além dos referidos e respeitantes às diferenças com os dados norte-americanos. Passemos, agora, à análise das variáveis respeitantes à Qualidade do Desenvolvimento.

Se olharmos para a linha de *DQ+*, verifica-se que os valores médios são geralmente baixos, mais altos do que os medianos e, sobretudo, não se detecta um indicador nítido de crescimento da Qualidade de Desenvolvimento de um grupo etário para outro, como acontece nos dados normativos americanos. Nestes, o desenvolvimento tem a seguinte expressão quantitativa, em termos de médias: 4,42, 6,48, 6,80, 6,40, 7,68 (Exner e Weiner, 1995, pp.54 a 62). Verifica-se um salto na passagem dos 6 para os 7 anos, um *plateau* nas idades dos 7 aos 9 anos e um novo crescimento nos 10 anos. Os valores medianos variam entre 4 e 8, nos 6 e nos 10 anos. Nos dados portugueses, reconhece-se certo paralelismo desenvolvimentista, bastante menos nítido do que o observado, e com resultados médios mais baixos. Por outro lado, destaca-se a irregularidade dos valores médios ao passar de um grupo etário para outro, particularmente visível na expressão dos valores medianos que, finalmente, passam de 3,00, nos 6 anos, para 4,00 nos dez.

DQo é a modalidade dominante da Qualidade do processamento nestas crianças. Este modo de processamento é um modo simples, que requer pouca organização mental e atenta principalmente nos aspectos formais do campo-estímulo, sem qualquer preocupação com outros aspectos que possam ser importantes para a sua identificação e completa caracterização. Vale a pena lançar um olhar às médias das respostas, indicadas na linha inferior da Tabela, para avaliar com maior precisão a elevada freqüência de respostas que não revelam qualquer sinal de esforço de integração ou articulação para além da forma.

Os valores de *DQv* e *DQv/+* são baixos, o que constitui um indicador positivo. Com efeito, o

primeiro constitui indicador negativo, tanto quanto constitui uma resposta desorganizada; o segundo exprime algum nível de organização, pelo fato de implicar diferenciação do estímulo e síntese dos aspectos diferenciados. Enquanto os primeiros devem diminuir em frequência com a idade, os segundos deverão aumentar nestas idades, mas dar lugar, num nível etário mais avançado, a níveis de organização $DQ+$ e, conseqüentemente, manter-se em número diminuto a partir da adolescência. A análise dos resultados mostra que existe, efetivamente uma redução progressiva de DQv , ao longo dos cinco níveis etários presentes, e um aumento progressivo de $DQv/+$.

O fato de os resultados médios dessas duas últimas variáveis serem baixos deve ser sublinhado no que implica de positivo. Com efeito, permitem destacar que o nível cognitivo dessas crianças alcança quase sempre o nível de organização desejável, o do reconhecimento de objeto com exigência de forma específica, ultrapassando o nível do concreto, vago e desorganizado.

Passando, agora, às variáveis indicadoras de atividade organizativa (Zf e Zd), dois aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, os valores médios e medianos correspondem aproximadamente aos esperados, em função dos únicos dados normativos disponíveis que são os americanos; e, em segundo lugar, os valores de Zd são sempre negativos e muito baixos dos 7 aos 10 anos, de acordo com o mesmo meio de comparação. Estes valores significam que a iniciativa organizativa dos indivíduos não é geralmente bem sucedida, não é eficaz e se situa aquém do nível esperado.

Aqui está um dado que revela quanto à atividade organizativa das respostas está longe de alcançar níveis de eficiência, em conformidade com a iniciativa organizativa dos indivíduos. Segundo a distribuição de resultados da variável Zd , Exner verificou que a maioria deles se situava entre ± 3 . Os indivíduos com notas superiores a $+3$ designaram-se *hiperincorporadores*, pessoas “que parecem investir maior esforço nas suas atividades de processamento (...), tendem a abordar cada estímulo novo com cautela e em pormenor” (p.360); os indivíduos com notas inferiores a -3 chamaram-se *hipoincorporadores*, pessoas que revelam “uma tendência para serem negligentes no processamento da informação e isso cria a probabilidade de que algumas das suas respostas sejam formuladas antes de o campo-estímulo ser totalmente mediacionado” (Exner, 1986, 360).

Os dados das crianças portuguesas aqui apresentados são bastante expressivos neste respeito.

As percentagens de hipoincorporadores são as seguintes dos 6 aos 10 anos: 41%, 51%, 55%, 48% e 45%. As percentagens norte-americanas para as mesmas idades são: 26%, 34%, 27%, 16% e 16%. Enquanto as primeiras crescem até aos 8 anos e decrescem depois ligeiramente, as segundas crescem ligeiramente nos 7 anos e começam a decrescer de modo acentuado nos anos seguintes. A elevada percentagem de respostas D e D_0 , que refletem um processamento sem esforço, econômico, parece contribuir decisivamente para uma tão alta frequência de hipoincorporadores e justificar a escassez de respostas W atrás sublinhada.

Discussão

Os resultados médios obtidos nas variáveis que atestam a qualidade do processamento da informação, nos protocolos de crianças portuguesas que responderam ao Rorschach, permitem fundamentalmente colocar a questão relativa à educação dominante na sociedade portuguesa, quer a pré-escolar, quer a escolar. Tendo em conta tais resultados e as operações a que correspondem as variáveis consideradas, pode dizer-se que falta proporcionar, na educação, meios que favoreçam a mobilização da atenção e do interesse por uma apreensão ajustada do meio que rodeia a criança, a descoberta da variedade de aspectos que se podem destacar num qualquer objeto comum, o desafio-problema que pode constituir a descrição e caracterização adequada de alguma coisa ou situação que é percebida. Uma educação que favoreça outra atitude na criança que não seja a de “E o que me importa?”.

Em face de todos esses dados que indicam um processamento da informação aparentemente desatento, impulsivo, preguiçoso, negligente, não é de admirar que a mediação ou a tradução da imagem armazenada na memória a curto prazo sofra as conseqüências. Com efeito, a qualidade formal de um grande número de respostas é má. Indicam-se aqui as médias de $FQ-$ para os cinco grupos, dos 6 aos 10 anos: 0,34, 0,32, 0,33, 0,29 e 0,32. Não se entrevê qualquer sinal nítido de diminuição desses valores ao longo destes cinco anos. Esclareça-se que os dados norte-americanos correspondentes oscilam entre 0,03 e 0,09.

Esses dados permitiram levantar a questão de qual possa ser a sua influência, quais os seus efeitos ou que relação poderão ter com a escolaridade das crianças e suas dificuldades, que atingem níveis preocupantes em Portugal. Até que ponto um processamento da informação tão pobre poderá estar a interferir negativamente na correta percepção do mundo de objeto com que lida a criança no seu dia a dia. Até que

ponto a percepção atual do mundo pelas crianças será muito diferente daquela percepção dos objetos que temos, quando dirigimos ou somos dirigidos a 120 ou 150 Km por hora. Quantas crianças têm a oportunidade de ter alguém que as ajude a aprender a ver, a ouvir, etc., e a descobrir a riqueza do que vê e ouve.

Conclusão

A análise dos valores médios nas variáveis que constituem a classe do Processamento da Informação, tal como se apresenta no SIR de Exner, em cinco grupos etários de crianças portuguesas de ambos os sexos, dos 6 aos 10 anos, revela, em comparação com os dados de crianças americanas de idênticas idades, resultados geralmente mais baixos. Este fato permite questionar o tipo de educação que assiste à maioria daquelas crianças e interrogar-se sobre a possível influência da insuficiência encontrada na frequência das dificuldades e do insucesso escolar frequentes em Portugal.

O Rorschach é fundamentalmente um instrumento de avaliação e diagnóstico da personalidade, mas contém elementos que parecem ser importantes para a avaliação de algumas formas de insuficiência ou deficiência cognitiva. Neste sector, tem sido poucas vezes utilizado, mas são promissores os indicadores que se detectaram nos escassos estudos efetuados e atrás referidos. Neste sentido, um próximo estudo integrará a variável nível intelectual, avaliada com as Matrizes Progressivas Coloridas, que permitirá verificar em que medida algumas das variáveis aqui apresentadas se correlacionam com aquele. Se assim se verificar, o interesse do Rorschach na avaliação de crianças com dificuldades de aprendizagem será duplo já que, como se sabe, com muita frequência, tais dificuldades acompanham-se, muitas vezes, de problemas afetivo-emocionais e/ou de perturbações do comportamento.

Referências Bibliográficas

- Acklin, M. W. (1994) Some Contributions of Cognitive Science to the Rorschach Test. In I. B. Weiner (Ed.) *Rorschachiana Yearbook of the International Rorschach Society, Volume 19*, 129-145. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers.
- Acklin, M. W. (1990) Personality Dimensions in Two Types of Learning- Disabled Children: A Rorschach Study. *Journal of Personality Assessment*, 54 (1 & 2), 67-77.
- Beck, S. J. (1961/1967) *Le Test de Rorschach Tome Premier*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Exner, J. E., Armbruster G.L. and Mittman, B. (1978) The Rorschach Response Process. *Journal of Personality Assessment*, 42, 27-38.
- Exner, J. E. (1986) *The Rorschach: a Comprehensive System Volume 1 Basic Foundations*. 2. ed. New York: John Wiley & Sons.
- Exner, J. E. (1993/1994) *El Rorschach Un Sistema Comprehensive Volumen 1: Fundamentos Basicos Tercera Edicion*. Madrid, Psimática.
- Exner, J. E., Weiner, I. B. (1995) *The Rorschach: A Comprehensive System Volume 3: Assessment of Children and Adolescents*. 2. ed. New York: Wiley-Interscience Publication.
- Friedman, H. (1953) Perceptual Regression in Schizophrenia: An Hypothesis Suggested by the Use of the Rorschach Test. *Journal of Projective Techniques*, 17, 171-185.
- Klopfer, B., Ainsworth, M.D., Klopfer, W. G., Holt, R.R. (1954) *Developments in the Rorschach Technique Volume I Technique and Theory*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc..
- Rausch de Traubenberg, N. (1970/1998) *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.
- Rorschach, H. (1921/1967) *Psychodiagnostik*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Sanglade, A. A. (1995) Interpretation and the Response Process. In I. B. Weiner (Ed.) *Rorschachiana Yearbook of the International Rorschach Society, Volume 20*, 49-63. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers
- Weiner, I. B. (1998) *Principles of Rorschach Interpretation*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Recebido em 05/03/2002

Revisado em 16/05/2002

Aceito em 24/05/2002

Sobre o Autor:

Danilo Rodrigues Silva é professor catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, presidente da Sociedade Portuguesa de Psicologia, e integra o corpo redactorial da *Rorschachiana* e do *European Journal of Psychological Assessment*.

